

Ousadia das moçoilas

História das Mulheres no Brasil.

PRIORE, Mary Del (org.).
BASSANEZI, Carla (coord. de textos).

São Paulo: Editora Contexto, Editora Unesp,
1997, 678 p..

Estimam os demógrafos que as mulheres detêm título de propriedade de apenas 10% das terras do globo terrestre. A partir de minha experiência pesquisando por anos seguidos nos arquivos do Brasil e de Portugal, arrisco uma aproximação: calculo que a documentação manuscrita sobre as mulheres do Brasil antigo não chega sequer a 10% destes papéis velhos. Documentos escritos e autografados por mãos femininas, anteriores ao século XX, talvez não atinjam 1% do acervo destes arquivos.

Assim sendo, haja vista o tradicional desinteresse e discriminação com que nossos antepassados luso-brasileiros trataram metade de nossa população, a publicação de um avançado livro de quase 700 páginas consagrado à História das Mulheres no Brasil enche o pesquisador de expectativas e alegria, dada a exiguidade da documentação relativa ao universo feminino notadamente nos séculos passados.

Coube à historiadora Mary Del Priore, professora do Departamento de História da USP, a feliz iniciativa de organizar esta coleção, uma

co-edição da Editora da UNESP e da Contexto - de propriedade do historiador Jaime Pinsky, tendo como coordenadora de textos Carla Bassanezi, doutoranda em Ciências Sociais pela Unicamp. A mesma Mary Del Priore já assinou os títulos: *Ao Sul do Corpo: maternidades e mentalidades no Brasil colonial* (1993), *História da Criança no Brasil* (1991), *A Mulher na História do Brasil* (1988), *Deus Dá Licença ao Diabo: a contravenção nas festas religiosas e igrejas paulistas no século XVIII* (1986), entre outros.

História das Mulheres no Brasil reúne 20 textos, sendo cinco assinados por homens e 15 por mulheres. Como diz a própria organizadora do livro, "escolhemos mulheres que escrevem sobre mulheres, mas também homens que escrevem sobre mulheres. A eles e elas foi solicitado um texto livre do jargão acadêmico, gostoso de saborear e pródigo de informações. A diversidade dos autores e de pontos de vista, o respeito por suas especialidades e a escolha dos temas refletem o estágio atual das pesquisas sobre as mulheres no Brasil".

Esta postura "libertária" da organizadora do livro representa a meu ver uma das fraquezas da obra: a falta de um fio condutor mínimo que costurasse de alguma forma a diversidade dos temas e a extensão da cronologia. Os artigos são muito díspares na qualidade documental e interpretativa: enquanto alguns revelam profundos mergulhos em documentação primária em arquivos daqui e dalém mar, outros enfoques

deixam muito a desejar pela carência de pesquisas arquivísticas e inclusive pela superficialidade das próprias fontes bibliográficas fatuais - sem dizer na débil fundamentação teórica.

Como toda coletânea que reúne autores de diversas disciplinas, tratando épocas variegadas, mesmo tendo um mote único, cabe ao responsável pela reunião dos textos separar o joio do trigo, operação desagradável e difícil, quando o universo dos pesquisadores é pequeno e as paróquias acadêmicas limitadas: todos os autores e autoras estão ligados a instituições acadêmicas do centro-sul, e apenas um dos artigos trata precipuamente de mulheres residentes acima de Minas Gerais. Mulheres do norte, nordeste e centro-oeste só são citadas ocasionalmente, como pano de fundo. Neste sentido, mais apropriado teria sido o título História de mulheres no Brasil e não das mulheres do Brasil.

Não há porém como não aplaudir e gostar deste livro, pois o cardápio temático é tão variado e alguns artigos são tão bem escritos e originais, que qualquer leitor, mesmo os pesquisadores e acadêmicos mais especializados, hão de encontrar novidades importantes que enriquecerão as mais distintas áreas de investigação sobre o universo feminino nacional.

O período colonial está representado por seis artigos: Ronald Raminelli, da Universidade Federal do Paraná assina o artigo Eva Tupinambá, onde através das descrições dos primeiros cronistas leigos e religiosos, reconstrói cruciais aspectos do universo feminino entre estes ameríndios: o nascimento das meninas, a relação entre mãe e filhos, a passagem de menina a mulher, as classes de idade, a visão dos gravuristas na representação das mulheres no canibalismo; Emanuel Araújo, da Universidade de Brasília, é autor de A Arte da Sedução: sexualidade feminina na Colônia, onde discute o adestramento da sexualidade feminina pelas instituições primárias no Brasil antigo, sobretudo a família e a Igreja, reunindo tais reflexões sob os títulos: a megera domada, o luxo e desleixo, relações perigosas, as mulheres no convento e a sedução reinventada. Em seu artigo Magia e Medicina na Colônia: o corpo feminino, Mary Del Priore, organizadora da coletânea, retoma e condensa alguns temas de sua especialidade: a ciência médica entre os séculos XVI e XVIII, o desconhecimento do corpo feminino, a união obscura entre magia e medicina, o significado da sangria e sangramentos na conceitualização do corpo, doença e saúde da mulher. Ronaldo Vainfas, da Universidade Federal Fluminense,

aprofunda um tema já esboçado em seu doutorado, Trópico dos Pecados: homoerotismo feminino e o Santo Ofício, onde reconstrói a discussão dos inquisidores se a anatomia das mulheres permitiria caracterizar suas relações sexuais como sodomia perfeita, ilustrando com diversos episódios inquisitoriais a metamorfose da lesbos européia para a lesbos brasileira, concluindo com uma confrontação entre o procedimento inquisitorial no julgamento do homoerotismo masculino e feminino.

Concluindo a parte consagrada à história das mulheres no período colonial, dois artigos de jovens doutores: o assinado por Luciano Figueiredo, da Universidade Federal Fluminense, intitula-se Mulheres nas Minas Gerais, e nele o autor retoma e condensa sua tese O Averso da Memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII, reconstruindo aqui sobretudo o universo das negras do tabuleiro, a vida dura das mulheres pobres e prostitutas, a vida doméstica e as atitudes de resistência das mulheres além da Mantiqueira; Renato Pinto Venâncio, da Universidade Federal de Ouro Preto, deu como título a seu artigo Maternidade Negada. Com base em registros diversos de crianças expostas em instituições de caridade do Rio de Janeiro e da Bahia e outra documentação primária e secundária, analisa a frequência e formas de abandono de crianças no Brasil antigo, a figura e a importância das mulheres criadeiras, a roda dos expostos como uma espécie de cemitério de crianças. A partir da transcrição dos bilhetinhos deixados pelas mães das crianças abandonadas, o autor discute a polêmica questão do amor materno.

Maria Angela D'Incao, da UNESP, em Mulher e Família Burguesa, acompanha a influência das mudanças urbanas e a estrutura da casa burguesa na redefinição do universo feminino no Brasil do século XIX, adentrando-se pelos sentimentos, sensibilidade e romantismo dentro da família burguesa; Mulheres do Sertão Nordestino, de Miridan Knox Falci, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, reconstrói facetas da diversidade vivencial das mulheres no Piauí oitocentista: as atividades femininas das livres e escravas, os diferentes padrões de casamento, o regime de bens e o rapto consentido. Joana Maria Pedro, da Universidade Federal de Santa Catarina, assina o capítulo consagrado a Mulheres do Sul, no qual, com base em informações colhidas sobretudo em viajantes do século passado e monografias consagradas a esta região meridional, resgata diferentes aspectos da evolução da história cultural das mulheres do Dester-

ro (Florianópolis atual), Blumenau, Curitiba e Porto Alegre, dos meados à virada do século XIX. Magali Engel, da Universidade Federal Fluminense é a autora do capítulo intitulado Psiquiatria e Feminilidade, que tem como cenário o Rio de Janeiro nos finais do século XIX e como tema a medicalização da loucura, tratada a partir de então como doença mental e o perigo da sexualidade feminina (menstruação e alienação mental, maternidade e loucura, genitália feminina e distúrbios mentais) estudada através do estudo de caso de uma mulher diagnosticada então como histerica e epilética.

Os restantes artigos desta coletânea, embora recuem a séculos anteriores, na maioria dos casos trabalham com informações relativas ao século XX. Rachel Soihet, da Universidade Federal Fluminense, utiliza-se de diversos processos criminais do Arquivo Nacional para reconstruir o mundo das Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano, na Belle Époque (1890-1920), discutindo questões como a relatividade da obrigação do casamento, as reações femininas à violência masculina, o tratamento desigual da justiça em relação aos dois sexos, a defesa da honra feminina nos processos criminais. Norma Telles, da PUC-SP, assina o capítulo Escritoras, Escritas, Escrituras, onde sumariza aspectos biobibliográficos de cinco destacadas escritoras brasileiras do século XIX: Nísia Floresta Brasileira Augusta, Maria Firmina dos Reis, Narcisa Amália de Campos, Maria Benedita Camara Bormann e Júlia Lopes de Almeida; Guacira Lopes Louro, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aborda as Mulheres na Sala de Aula, mostrando como, sobretudo a partir do Império, o magistério transformou-se em trabalho de mulher, discutindo sobre a importância e o dia-a-dia das Escolas Normais na produção das professoras, chegando à atualidade, quando as antigas professorinhas, de "tias" passam a encarnar o papel de trabalhadoras da educação; Maria José Rosado Nunes, da PUC-SP, baseou-se em estudos monográficos para escrever seu artigo Freiras no Brasil. Mostra as dificuldades impostas às candidatas à vida religiosa no período colonial, como durante o século XIX as antigas ordens religiosas femininas enclausuradas são suplantadas pelas novas congregações missionárias e as grandes modificações no estilo de vida das freiras a partir do Concílio Vaticano II; o artigo de Cláudia Fonseca, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, traz como título Ser

Mulher, Mãe e Pobre, e tem como protagonista Joaquim de C. Sobrinho, (Porto Alegre, 1925), que se defende em juízo da acusação feita por sua mulher Eutherpe de ser esmoleiro e falto de meios para educar suas duas filhas. Através deste processo a autora recupera o contexto econômico onde transitavam os personagens, a dinâmica familiar e os significados da maternidade entre os grupos populares, e a relação entre pureza e prostituição; Maria Aparecida Moraes Silva, da UNESP, é autora do artigo De Colona a Bóia-fria, onde acompanha a transformação do sistema de colonato nas fazendas de café do estado de São Paulo para o trabalho diarista nos canaviais, sobretudo a partir de 1960, descrevendo a função das chamadas meninas do descarte nas fainas agrícolas e a relação entre gênero, classe e raça nas relações de trabalho que têm as mulheres bóia-frias como protagonistas. Margaret Rago, da Unicamp, assina o Trabalho Feminino e Sexualidade; com base em jornais anarquistas do início do século e obras literárias, reconstrói o universo do trabalho feminino, o cotidiano da fábrica, a presença das mulheres na luta de classes, a conquista do espaço público. Também da Unicamp, Carla Bassanezi, escreve Mulheres dos Anos Dourados. Partindo de revistas femininas da década de 50, a autora recupera o que significava ser mulher naquela época, a oposição entre a moça de família e a leviana, os segredos e ousadias das moçoilas, as aventuras extraconjugais e a separação. Paola Cappellin Giuliani, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, trata dos Movimentos de Trabalhadoras e a Sociedade Brasileira, onde mostra como se deu a formação da cidadania e a inserção das mulheres nos movimentos sociais e sindicais rurais e urbanos, sobretudo a partir dos anos 60. Termina esta coletânea um artigo de quatro páginas assinado por Lygia Fagundes Telles, Mulher, Mulheres. A autora de *A Disciplina do Amor e As Meninas*, concorda com Bobbio: "A revolução da mulher foi a mais importante revolução do século XX", e conclui que Jesus foi quem melhor defendeu a mulher em toda sua vida e mesmo depois desta vida terrestre...

Sobretudo devido à sua variedade temática, *História das Mulheres no Brasil* constitui obra de consulta indispensável em qualquer biblioteca.

LUIZ MOTT ■